

O AMAZÔNICO EM “ESSE RIO É MINHA RUA”, DE RUY BARATA E PAULO ANDRÉ

Rosa Assis

Professora dos Cursos de Letras
e Relações Públicas da UNAMA.

Esse Rio é Minha Rua

Ruy Barata e Paulo André

Esse rio é minha rua,
minha e tua mururé,
piso no peito da lua,
deito no chão da maré.

Pois é, pois é,
eu não sou de igarapé,
quem montou na cobra grande,
não se escanCHA em puraqué.

Rio abaixo, rio acima,
minha sina cana é,
só em falá da mardita
me alembrei de Abaeté.

Pois é, pois é,
eu não sou de igarapé,
quem montou na cobra grande,
não se escanCHA em puraqué.

Me arresponde boto preto
quem te deu esse pixé
foi limo de maresia
ou inhaca de mulher.

Pois é, pois é,
eu não sou de igarapé,
quem montou na cobra grande,
não se escanCHA em puraqué.

Vários momentos da infância de Ruy Barata foram vivenciados no interior paraense, mais precisamente em Óbidos, e, em Santarém, sua terra natal. Embora morasse e estudasse em Belém, as férias escolares as passavas junto do povo, no meio da gente simples e, entre os rios Amazonas e Tapajós, local de suas brincadeiras, e conforme afirmou a Alfredo Oliveira: “- Quando garoto tinha, em frente, dois rios - Amazonas e Tapajós - para onde canalizava as minhas brincadeiras. O rio era o meu parque de brincar”. (Paranatinga, Belém, CEJUP, 1990, p. 19). Mais tarde, este ambiente serviria de cenário para algumas de suas composições populares, que as fazia, quase sempre em parceria com seu filho-amigo, Paulo André.

Naqueles lugarejos interioranos, viveu Ruy intensamente, e o rio, palco de suas diversões e peraltices de menino, era, portanto a sua rua, - “Esse rio é minha rua”.

Sua música popular, sempre carregada de emoção e sensibilidade em relação às coisas da Amazônia e, em particular, às do Pará, fizeram de nosso compositor um nome singular no cenário musical dentro e fora do Brasil.

Esse rio é minha rua foi música feita, inicialmente, para servir de trilha sonora, ou trilha musical à procissão fluvial que aparece no filme *Os brutos inocentes*, do cineasta Libero Luxardo, filme este gravado na fazenda “Aquiqui”, de Michael Silva, no Baixo-Xingu. Depois de terminada a gravação do filme, esta música ganhou novo rumo, e o que era inicialmente um “cântico religioso” cedeu lugar ao profano, transformando-se em carimbó.

Nessa composição, a presença da fala cabocla, da fala interiorana e da fala do homem simples da periferia da cidade mostram a acuidade de Ruy, no trabalhar com as palavras, num ofício de artesão - “- Procuro fazer a letra como um

carpinteiro faz uma mesa" (Paranatinga, op. cit. p. 41). Assim, demonstrou ser para nós, não apenas um compositor-artesão, mas também, um garimpeiro, ou melhor um sensível "gapuiador" da vida amazônica, de nossos costumes, de nossas lendas e fantasias, de nosso folclore, enfim. Transformou tudo o que viu da sua rua, Esse rio é minha rua, tomemos a repetir, em carimbó e a Amazônia acabou correndo "rio abaixo", "rio acima".

Ao explorar fortemente o regional, é como se aflorasse uma perfeita e harmônica empatia do povo com a música popular do nosso compositor santareno. É a gente do povo que canta e se encanta com as suas músicas, encontrando-se no meio delas, ora no interior, ora na capital, ora no centro ou na periferia... O documento, certamente, mais fiel do que acabamos de dizer está no *clip* montado para *Esse rio é minha rua*, e divulgado em algumas emissoras de televisão, onde se observou, nitidamente, que o próprio povo, caminhando sobre as estivas, no Igarapé Tucunduba, canta com Paulo André, ao longo do caminho que este percorre.

É Ruy quem já afirmara ser um letrista paraense (Paranatinga, op. cit. p. 45) voltado para o nosso falar. Sua música é a música popular da Amazônia, com suas peculiaridades regionais. Assim, aqui e acolá, percorrendo sempre rios e igarapés da Amazônia expressou o amazônico e o fantástico conforme se pode captar nos exemplos extraídos da letra da música em foco, cujas palavras representam tudo o que acabamos de dizer - o "mururé", a "cobra grande", o "puraqué", o "boto preto", o "igarapé".

Como se isso não bastasse, Ruy ainda explorou palavras e expressões, que, se não amazônicas, populares, como escanchar, em "não se encanchar em puraqué", ou a imagem poética *peito da lua*, em "piso no peito da lua", sugerindo a idéia de parte central, de coração, e mais *chão da maré*, em "deito no chão da maré", cujo sentido lembra terreno à beira-mar, à beira-rio, praia, em que se parece sentir o fluxo e o refluxo da maré, conforme a influência da Lua sobre as águas. E a lua no mar, é a maresia, é a maré a balançar a nossa imaginação e o nosso corpo, é o sacudir do samba, é o rebolar das águas do mar, é o carimbolar.

Outra peculiaridade na escolha da palavra exata feita por nosso Ruy, foi a opção pelo termo *cana*, em "minha sina cana é", em vez de *cachaça*. Embora ambas destilem o mesmo

significado, não tinham, inclusive, para o nosso compositor o mesmo sabor. *Cana*, enquanto gira, proporcionou ao contexto não só mais melodia e ritmo, como também tornou-o mais familiar à fala do povo, à língua do povo.

O tom olfativo (e quiçá(?) gustativo, sensual que o carimbó suscita em quem o dança ou o aprecia de perto), tão bem sentido e percebido pelo saudoso Ruy, e explorado pelas palavras "pixé", "inhaca", "maresia", "boto preto", acabou exaltando e exalando o cheiro do nosso povo, suado e suando, que está ali, no rio ou na rua, na maré ou no igarapé.

Ruy não parou, nadou mais profundamente, ultrapassou peraus e veio, novamente se encontrar com o homem simples, humilde, não-escolarizado, semi-analfabeto da periferia da cidade, fiel ao seu próprio modo de ser e de falar, quando nos diz "me alorei de Abaeté" e "me arresponde boto preto", evidenciando as formas protéticas que também caracterizam o nosso brasileiro, com sabor de arcaísmo (Ver ELIA, Silvio, *Ensaio de filologia*, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1963, p. 105) a exemplo do verso de Camões, em *Os Lusíadas* - "Que outro valor mais alto se alevanta" - (CAMÕES, *Obra completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, p. 9).

Também manifestação bem ao gosto da fala popular - "as palavras nascem da boca do povo" - (Paranatinga, op. cit. p. 42) é a preferência pelo emprego do R em vez do L, em posição final ou medial, que nos transmite a impressão de mais um tom de conversa, de fala, de descontração, como se verifica em "ou inhaca de mulhé" e "só em falá da mardita", tão bem dita pela boca do povo. Ruy Barata, como poucos, captou tão bem as peculiaridades, as nuances, manhas e manias da vida do amazônida, tornando difícil aos ouvintes não se sensibilizarem ou não se motivarem a cantar suas canções, porque nossas também.

Finalizando esse breve comentário sobre *Esse rio é minha rua*, relacionamos a seguir um glossário (extraído da própria letra da música) constituído de brasileirismos, ora da região amazônica como um todo, ora da região norte, em particular, os quais embora já registrados, nos léxicos gerais de nossa língua, assim como nos léxicos regionais, constituem fonte de consulta mais imediata ao ouvinte ou leitor não habituado ao rico e variado falar de nossa região.

GLOSSÁRIO

- Boto-preto** - s.m. (*Sotalia fluviatilis* (Gerv) e *S. Pallida* (Gerv), tucuxi, denominação dada a dois mamíferos, da ordem dos cetáceos, da família dos delfinídeos, da bacia amazônica e que tem o dorso preto.
- cana** - s.f. cachaça.
- cobra-grande** - s.f. boiúna. Figura lendária que provoca assombrações e persegue as embarcações que viajam no rio Amazonas, fazendo-as virar, e ainda leva os naufragos para o fundo dos rios, segundo a crença popular. Senhora das águas; planta de cor verde-amarelada de folhas de tamanho médio a grande, que se desenvolve tanto na água como na terra, sendo que, muitas vezes, assume a forma de trepadeira em árvores longas, assemelhando-se aí, a um parasita.
- igarapé** - s.m. canal ou estreito natural situado entre duas ilhas ou entre uma ilha e terra firme.
- inhaca** - s.f. bodum, catinga, mau cheiro.
- mururé** - s.m. (*Brosimopsis acutifolia* e *B. obovata*) designação comum a duas árvores da família das moráceas, da floresta pluvial, que têm receptáculos unissexuais, lenho sem cerne e látex de sabor amargo.
- pixé** - s.m. mau cheiro.
- puraqué** - s.m. (*Electrophorus electricus* L.) peixe elétrico, seu sistema sensorial é muito desenvolvido na região cefálica. Gera descarga elétrica.